

■ DORA KRAMER

Excitação virtual

Oleioa Presidencial

O ministro da Saúde almoça com o líder de um partido governista e, com isso, consolida-se de imediato candidato à Presidência da República forte e independente o suficiente para, de moto próprio, garantir a este mesmo líder a presidência da Câmara. Saem da conversa, portanto, ambos presidentes. E, por causa disso, o ministro da Fazenda diz que o Brasil é um país de mazelas sociais profundas e elites de sensibilidade rasa. Conclusão: o ministro também é candidato à Presidência da República e com total apoio do atual ocupante da cadeira.

Óbvio, pois não?

De fato, se o critério for o da capacidade de ligar o nada a coisa alguma e com isso se formar uma tese sem significado nenhum, realmente é óbvio que as últimas interpretações a respeito dos movimentos de José Serra e Pedro Malan estão corretas, ainda que baseadas numa realidade absolutamente virtual, característica de períodos e situações marcados pela falta de assunto.

Não que os ministros da Saúde e da Fazenda não possam vir a ser candidatos à presidência, inclusive concomitantemente, cada um num campo diferente. Mas nada do que fizeram nos últimos dias autoriza as conclusões que mais parecem fruto de uma excitação generalizada, boa para dar certa leveza ao ambiente que andava mesmo meio pesado.

Afinal de contas, para que levar adiante debates como o recurso à violência para a reivindicação *soi-disant* social e a reação pela via de uma legislação autoritária – isso em plena democracia –, se temos disponível um tema como a eleição que acontecerá daqui a 27 meses?

Por que aprofundar se podemos tergiversar, não é verdade?

O discurso feito pelo ministro Pedro Malan no Fórum Nacional do ex-ministro João Paulo dos Reis Velloso, recebido com estupefação pelo ineditismo, em nada difere do que vem falando o ministro Pedro Malan desde o primeiro dia em que assumiu o cargo.

Hoje já se perde a conta das vezes em que o ministro repetiu que a estabilização deve necessariamente preceder o desenvolvimento, pois aquela é a condição indispensável para que este promova as melhorias no campo social. Certo ou errado, este é o pensamento de Malan, que ele expressa a qualquer um com quem converse mais de meia hora.

E não precisa ser em encontros particulares. Publicamente, uma das inúmeras vezes em que o ministro disse o mesmo foi no discurso em seminário do PSDB que precedeu a desastrada fala do então ministro do Desenvolvimento, Clóvis Carvalho.

É fato que a falta de atenção e a interpretação são livres. Mas é fato também que um pouco de memória e de objetividade para enxergar o que se passa à volta é obrigatório.

Se vier a ser o escolhido pelo presidente como candidato, Malan o será muito mais adiante, quando inclusive vai ser necessária a construção de uma sustentação partidária. Ele não precisa “se colocar” desta ou daquela forma na mídia, pois “colocado” está em função do cargo.

E, de mais a mais, num país inorgânico como o Brasil, tudo o que “se coloca” com 15 minutos de antecedência corre o risco de ser “descolocado” na meia hora seguinte.

Da mesma forma, só por absurdo é permitida a conclusão de que um almoço do ministro da Saúde, José Serra, com o líder do PFL na Câmara, deputado Inocêncio Oliveira, tenha o caráter cartesiano que se procurou imprimir ao encontro.

Sem que ninguém soubesse o que foi de fato tratado ali – e há vários assuntos possíveis, até nenhum a não ser o mero gesto político de Serra para angariar as simpatias que lhe faltam –, concluiu-se que o ministro havia ido oferecer a Inocêncio a presidência da Câmara em troca do apoio do PFL à candidatura à presidência do Brasil.

Ora, então é assim que se fazem as coisas por aqui? Claro que não, nem por aqui nem em lugar algum.

Era o, que faltava, o ministro da Saúde dar-se o desfrute de prestar apoios a quem quer que seja sem antes arrumar tudo muito bem arrumado em seu próprio partido, que pleiteia o mesmo posto. A menos que o ministro estivesse interessado em conquistar adversários ao custo de perder os aliados. Se agiu assim – o que se poderá conferir quando o ministro voltar de Genebra –, não chegará candidato à próxima esquina. E Serra pretende mais que percorrer meia dúzia de quarteirões.

Exatamente como certa vez pretendeu Fernando Henrique Cardoso e, para consegui-lo, não tratou do assunto num almoço com o líder do PFL na Câmara dois anos e três meses antes da eleição.